

György Lukács

Essenciais são os livros não escritos

últimas entrevistas (1966-1971)

Organização, tradução, notas e apresentação: Ronaldo Vielmi Fortes
Revisão técnica e apresentação: Alexandre Aranha Arbia



© Boitempo, 2020

Direção-geral Ivana Jinkings

Coordenação da Biblioteca Lukács José Paulo Netto e Ronaldo Vielmi Fortes

Edição Isabella Marcatti

Coordenação de produção Livia Campos

Assistência editorial Pedro Davoglio e Thais Rimkus

Tradução e notas Ronaldo Vielmi Fortes

Revisão técnica Alexandre Aranha Arbia

Preparação e índice onomástico Mariana Echalar

Revisão Clara Baldrati

Capa David Amiel
sobre foto, na contracapa, de György Lukács
(de autoria não identificada)

Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio: Artur Renzo, Carolina Mercês, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Talita Lima, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L98e

Lukács, György, 1885-1971

Essenciais são os livros não escritos : últimas entrevistas (1966-1971)
/ György Lukács ; Organização, tradução, notas e apresentação Ronaldo Vielmi Fortes ; revisão técnica e apresentação Alexandre Aranha Arbia. -
1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.
304 p. (Biblioteca Lukács)

Inclui índice

"Compilação de entrevistas dadas por György Lukács nos últimos cinco anos de sua vida"

ISBN 978-85-7559-762-0

1. Lukács, György, 1885-1971 - Entrevistas. 2. Filósofos - Hungria - Entrevistas. I. Fortes, Ronaldo Vielmi. II. Título. III. Série.

20-63519

CDD: 921

CDU: 929:1

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: agosto de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

A Alemanha, uma nação de desenvolvimento tardio?*

Conversa com Adelbert Reif em Budapeste

“Acredito que, quanto mais intensamente a literatura e a ciência abordarem as questões cruciais da humanidade, maior será a importância da poesia na preparação ideológica que hoje é tão importante para a revolução da sociedade.” (György Lukács)

Reif – *Nossa conversa, professor Lukács, não será uma discussão dos problemas fundamentais do marxismo, mas sim uma tentativa de analisar o desenvolvimento histórico da Alemanha e a consciência sociopolítica dos alemães nos últimos duzentos anos para tornar esses fatores visíveis; mostrar que de Frederico, o Grande, ao atual chanceler [Kurt Georg] Kiesinger, passando por [Otto] Bismarck e Hitler, eles puderam ser considerados uma força motriz decisiva. O senhor mesmo fez uma contribuição essencial para o reconhecimento do irracionalismo na história alemã em seu igualmente famoso e controverso livro Die Zerstörung der Vernunft** [A destruição da razão].*

Recentemente, Rudolf Augstein, editor da revista de notícias Der Spiegel, publicou um trabalho que trata exclusivamente dos problemas dos alemães em suas relações com Frederico, o Grande, da Prússia. Quando se parte desse problema, surge automaticamente a questão do significado ideológico da personalidade de Frederico, o Grande, para a política alemã nos séculos XIX e XX...

György Lukács – Acredito que devemos começar com uma questão alemã mais geral: por um lado, a rejeição daquela afirmação segundo a qual a natureza

* Entrevista concedida em 5 de abril de 1969 e originalmente publicada na revista *Forum*, n. 185, maio 1969, p. 357-60. Também encontrada em *Lukács Werke: Autobiographische Texte und Gespräche* (Bielefeld, Aisthesis, 2009), v. 18, p. 383-94. Tradução revisada por Vitor Bartolleti Sartori. (N. T.)

** Berlim, Aufbau, 1955. Essa obra ainda é inédita no Brasil. (N. E.)

alemã seria a natureza bárbara e corrupta da Floresta de Teutoburgo*; por outro, devemos romper igualmente com a afirmação de que a Alemanha suplantou o próprio passado através da chamada República Democrática, que hoje governa a Alemanha.

A Alemanha é um produto da atividade político-social dos alemães na era capitalista, de modo que, quando considero os alemães tanto produto como produtores de seu *status* atual, acho que depende dos alemães se essa condição permanece ou não. Se fosse um estigma de raça, não se poderia mudar isso, mas como estamos lidando com um produto histórico, uma mudança é possível.

Devemos enfatizar, no entanto, que a transição do feudalismo na Alemanha tomou um curso totalmente diferente da que ocorreu nos países ocidentais, como a Inglaterra e a França. Refiro-me ao fato importante de que o desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra e na França produziu a unidade nacional. Por sua vez, a dissolução do feudalismo alemão levou ao mesmo tempo à dissolução do antigo Reich alemão em Estados isolados. E as tendências de concentração contidas no capitalismo surgiram na Alemanha nas formas caricaturais dos pequenos principados. Eles formaram uma força contrária à unidade alemã, de modo que a unificação nacional na Alemanha só pôde ocorrer em 1870, numa época em que na França e na Inglaterra a unidade nacional já possuía tradições centenárias e revolucionárias.

Aqui temos um antagonismo de desenvolvimento e, nesse antagonismo, os prussianos se uniram sob o chamado de Frederico, o Grande. O resultado foi uma caricatura de grande potência dos Estados ocidentais, na qual todas as tradições feudais foram conservadas e burocratizadas. Sob Frederico, o Grande, que gostava de se referir a si mesmo como um iluminista, nunca houve uma suplantação real do feudalismo. É característico do desenvolvimento alemão que essa suplantação tenha ocorrido basicamente mais tarde. Por exemplo, pode-se ver que economicamente as relações agrícolas na Prússia eram absolutamente as mesmas não apenas sob Frederico, o Grande, mas também na época da fundação do reino por Bismarck. Foi apenas com

* Referência à Batalha da Floresta de Teutoburgo, também designada o “Desastre de Varo”, ocorrida no ano 9 d.C. em território atualmente alemão. Nela, legiões romanas comandadas por Públio Quintilo Varo defrontaram-se com as forças aliadas das tribos germânicas, lideradas por Armínio. Três legiões romanas foram emboscadas e massacradas e estima-se que, dos 24 mil soldados romanos, cerca de 23 mil foram mortos, enquanto os germanos tiveram um número muito menor de baixas, cerca de 7 mil homens. (N. T.)

a *Rheinbundzeit** sob Napoleão que as condições agrícolas na Alemanha mudaram. Penso que o entusiasmo do republicano [Heinrich] Heine por Napoleão não era por acaso. Heine viu em Napoleão um reformador real das antigas relações alemãs.

Mais tarde, não apenas Bismarck conservou essa Prússia, mas sabemos que a tomada de poder de Hitler sob [Paul von] Hindenburg ajudou essencialmente a sufocar as tímidas tendências de reforma das condições agrárias prussianas durante a Grande Depressão de 1929. Apenas um chanceler do Reich, Hitler, era a garantia de Hindenburg de que as condições agrícolas prussianas seriam conservadas...

Falo dessas relações como os fundamentos econômicos para a não mudança da Alemanha em um período em que as potências ocidentais mudaram decisivamente. A esse respeito, dos fundamentos econômicos da Alemanha até os ideológicos, há continuidade desde a Idade Média dissolvida e decadente. Sob os vários homens da Alemanha, Frederico, o Grande, Bismarck etc., as relações existentes se modernizaram em alguma medida, mas no essencial mantiveram-se inalteradas.

Reif – *Então o senhor vê entre Frederico, o Grande, e Adolf Hitler uma linha consequente de continuidade no desenvolvimento histórico da Alemanha?*

G. L. – Sim, e essa linha estatal-ideológica se fixou firmemente como um problema do Estado autoritário.

É claro que esse prussianismo agrário, do qual acabo de falar, não foi o padrão do antigo Império alemão. Renânia, Berlim e as regiões industriais determinaram o desenvolvimento real. Mas o que restou do prussianismo agrário é a forma de governo burocrático-autoritário, o que foi chamado em 1918 na Alemanha de “Estado autoritário”, com uma ideologia cuja melhor formulação consiste em dizer “o silêncio é o primeiro dever cívico”**.

Hoje, quando as reformas são realizadas em conexão com os movimentos estudantis, um observador estrangeiro pode facilmente se perguntar se o

* A Confederação do Reno foi uma liga criada por Napoleão Bonaparte em 12 de julho de 1806, no contexto da Terceira Coligação contra a França. (N. T.)

** Pronunciada em um comício realizado em 18 de outubro de 1806 pelo então governador de Berlim, Friedrich Wilhelm, conde Von der Schulenburg, em referência às derrotas de Jena e Auerstadt, essa frase se tornou célebre. Suas palavras foram: “O primeiro dever cívico é o silêncio”. Mais tarde, Willibald Alexis escreveu um romance inspirado nessas mesmas palavras: *O silêncio é o primeiro dever cívico*. (N. T.)

problema do “silêncio é o primeiro dever cívico” já não é mais o fundamento ideológico da essência alemã. Eu diria: o mundo não deveria se recuperar da essência alemã, como se dizia em 1914, mas o povo alemão deveria se recuperar de sua própria essência, desenvolvida por ele mesmo.

Reif – *A transformação de uma nação só é possível através de uma nova compreensão da história pela geração mais jovem. Contudo, precisamente essa mudança na compreensão da história, que poderia um dia levar a uma nova consciência da história, ainda não é perceptível na República Federal [da Alemanha]. A escola transmite uma imagem da história, por assim dizer, separada do contexto ideológico dos acontecimentos históricos concretos, apenas um conhecimento dos fatos...*

G. L. – Sim, isso não é por acaso. De um lado, há uma tradição historiográfica muito ruim na Alemanha; por outro, particularmente nos Estados Unidos, surgiu uma ideologia cujos teóricos espalharam a visão de que estávamos em uma era completamente nova. Essas pessoas não veem mais o capitalismo estadunidense como capitalismo, pois acreditam que é uma estrutura completamente nova, com outras formas de expressão. Tome uma categoria cultural geral como o *happening*: isso é uma coisa que existe apenas no presente e não possui nenhuma conexão com o passado. Admito que é bastante difícil vincular nosso tempo ao passado, e estou longe de condenar a juventude estudantil do mundo por não ter esse entendimento no momento. A história que hoje mais se celebra e exalta é justamente a que não é história.

Sem dúvida, algo novo é necessário. Hoje, quando o significado do marxismo é muito mais amplamente reconhecido do que era vinte anos atrás, há um duplo perigo. Existem os chamados marxistas ortodoxos que aderem estritamente ao texto de Marx. Naturalmente, pouco se pode aprender hoje da economia estadunidense com o texto de Marx. No entanto, é errado considerar que o marxismo está obsoleto, porque, se você estudar o método de Marx, certamente poderá apreender do ponto de vista econômico a peculiaridade do capitalismo estadunidense. Esse desenvolvimento do marxismo está apenas começando. Quer dizer, estamos prestes a dar os primeiros passos nesse caminho. Portanto, seria extremamente importante que os marxistas que trabalham na Alemanha conseguissem aproximar nesse sentido a juventude do marxismo. Não se esqueça de que o jovem Marx disse certa vez que existe apenas uma única ciência: e essa é a ciência da história. Para Marx, a história era o devir homem

do homem. E, objetivamente falando, todos os jovens veem com razão que a atual sociedade na Alemanha – tanto no moderno capitalismo manipulatório quanto no sentido conservador-reacionário – impede esse devir homem do homem e o coloca em segundo plano.

Portanto, é importante fazer com que os jovens compreendam que o caminho espiritual correto para suplantar a velha concepção seria uma inflexão em direção ao marxismo corretamente entendido. Acredito que, nessa relação, o marxismo teria um significado muito grande para o desenvolvimento futuro tanto da Alemanha quanto de outros países.

Reif – Decerto, mas no que diz respeito à República Federal [da Alemanha] a juventude mede naturalmente o marxismo e o socialismo pelas realidades políticas da Alemanha. Para a grande maioria dessa geração mais jovem, ambos têm pouca chance de simpatia, porque são julgados pela realidade política e ideológica da RDA, isto é, por um Estado que, como sabemos, se entende propriamente como socialista-marxista.

G. L. – Sim, veja, isso é algo bastante compreensível. Já mencionei explicitamente em outros lugares que o socialismo – que na década de 1920 teve uma influência significativa sobre a intelligentsia da Europa – perdeu com seu desenvolvimento grande parte de sua influência. Devemos enfatizar, no entanto, que o pior socialismo é melhor que o melhor capitalismo. Só aparentemente isso é um paradoxo. Pois, se você pensar na história mundial dos últimos cinquenta anos, não pode ignorar duas coisas: quem e o que impediu a dominação mundial de Hitler? Sem dúvida, a União Soviética. É claro que se pode listar aqui quantos tanques os estadunidenses enviaram aos russos etc., mas isso é algo sem sentido. Depois de Munique, sem a União Soviética, teria ocorrido o domínio europeu pelo fascismo, possivelmente até uma dominação mundial. O fascismo fracassou graças à União Soviética socialista. Repito agora: o pior socialismo é melhor que o melhor capitalismo. Lembre-se de que a batalha por Stalingrado foi em 1941, mas o desembarque na Bretanha não ocorreu até 1944. Se, entretanto, o Exército alemão não tivesse se debilitado na Rússia, um desembarque na Bretanha nunca teria sido possível. Esse é o primeiro ponto. E agora o segundo ponto: os Estados Unidos conseguiram inventar a bomba atômica, que não teve praticamente nenhum peso na guerra, porque o Japão poderia ter sido derrotado militarmente mesmo sem a bomba atômica, depois que o fascismo de Hitler foi derrotado... Thomas Mann anotou em

seu diário que a bomba atômica em Hiroshima foi lançada na verdade contra a Rússia. Porque a bomba atômica foi usada pela política estadunidense como uma ameaça, um meio de trazer o *american way of life* à dominação mundial, e novamente foi a União Soviética que com o impasse atômico contribuiu para o fracasso da dominação mundial do *american way of life*.

Creio que não preciso me defender aqui contra a acusação de que sou um entusiasta defensor de Stálin... Mas nunca esquecerei que diante desses dois perigos – por favor, digo isso com cuidado – apenas a União Soviética *stalinista* nos salvou. Acho que agora você entende minha formulação: o pior socialismo é melhor que o melhor capitalismo, no sentido histórico-universal, não é apenas uma frase.

Hoje o problema é – e meus esforços ideológicos de apelo pela reforma vão nessa direção: sem uma reforma do socialismo nos Estados socialistas, não haverá uma reforma real do marxismo em escala mundial. Esses dois processos ocorrem juntos. No entanto, é nosso dever dizer aos estudantes que eles nunca poderão mudar nada sem uma reflexão, sem uma reflexão crítica sobre a mentalidade alemã a partir da história da Alemanha.

Reif – *Mas não há indícios de que a consciência histórica dos alemães, especialmente no que diz respeito à era de Hitler e à República de Weimar, esteja passando por uma transformação?*

G. L. – Acima de tudo, é preciso entender que a Alemanha passou por um desenvolvimento não natural de seu capitalismo, que tem um efeito sobre a questão nacional e, portanto, sobre a questão democrática. Tanto é que toda uma série de coisas que seria simplesmente impossível na Inglaterra ou na França está naturalmente presente na Alemanha: por exemplo, o caráter anti-democrático da vida cotidiana na Alemanha. Muito instrutivo a esse respeito são as cartas enviadas ao *Der Spiegel*. Sempre que há um ataque severo ao nacional-socialismo no *Der Spiegel*, surgem cartas que defendem o nacional-socialismo como um modo de dominação alemão legítimo – e isso 24 anos após a queda de Hitler!

Assim, devemos – e isso constitui parte desse autoconhecimento histórico dos alemães – reconhecer o atraso ideológico em termos de democracia; e digo isso mesmo em termos da democracia burguesa com todos os defeitos, falhas etc. Mesmo nesse aspecto, a Alemanha é um país atrasado em comparação com outros países. Os alemães não conseguirão encontrar um caminho

para um futuro enquanto não fizerem um acerto de contas com os erros de seu passado.

Reif – *O senhor acha que hoje a parte politicamente ativa da juventude da República Federal [da Alemanha] pode desenvolver um conceito construtivo de futuro?*

G. L. – Acredito que esse movimento estudantil, que hoje acontece não apenas na Alemanha, mas no mundo em geral, é um fenômeno extremamente positivo. Pessoalmente, parto da posição de que chegamos a uma época em que os dois vencedores da guerra contra Hitler caíram numa crise interna de seus próprios sistemas. Que essa crise tenha se deflagrado no stalinismo, é o que temos visto desde o XX Congresso do Partido, em 1956, e esse desenvolvimento ainda não chegou a um impasse. Por outro lado, a derrota dos Estados Unidos na guerra do Vietnã é para o *american way of life* como foi o terremoto de Lisboa para o capitalismo francês... Embora tenham se passado muitas décadas desde o terremoto de Lisboa até a tomada da Bastilha, a história pode se repetir nesse sentido, ou seja, movimentos reais podem surgir inicialmente de movimentos completamente imaturos do ponto de vista ideológico, podem surgir apenas como um sentimento correto de revolta. Em minha opinião, esse é um processo que levará décadas. Mas afirmar que serão necessárias décadas não significa nenhum oportunismo, porque, se não se começar a luta hoje, não haverá mudança de circunstâncias em quarenta anos. Acho que todas as forças devem estar concentradas nessa mudança de circunstâncias.

Na Alemanha, é claro, esse sentimento – que é naturalmente recusado entre os círculos conservadores – está presente também em outros círculos que começam a se rebelar. Não digo que não há pessoas que pensem nessa direção, mas mesmo as forças progressistas às vezes pensam que o progresso hoje é, por exemplo, um apoio ao SPD* ou ao FDP** contra os democrata-cristãos... Isso,

* O Partido Social-Democrata da Alemanha (Sozialdemokratische Partei Deutschlands) surgiu em 1875 como resultado da fusão da Associação Geral dos Trabalhadores da Alemanha, fundada em 1863 por Ferdinand Lasalle, e do Partido Operário Social-Democrata, criado em 1869 por August Bebel e Wilhelm Liebknecht com o objetivo de abolir o Estado de classes e implantar um “Estado popular livre”. Adotou o nome atual em 1890, constituindo-se como um partido com base nos princípios políticos do marxismo, de fundo revolucionário, anticlerical e pacifista. (N. T.)

** Em alemão, Freie Demokratische Partei (Partido Liberal-Democrático), fundado em 1948. (N. T.)

claro, é uma ilusão, mesmo supondo que os social-democratas conquistassem a maioria absoluta nas próximas eleições – um gabinete [Herbert] Wehner etc. não seria muito diferente do gabinete de Kiesinger.

Reif – *Com isso entramos em um tema atual: as eleições para o novo Bundestag alemão, no outono deste ano, sobre as quais encontramos as mais diversas expectativas e especulações. Espera-se que o NPD*, de direita radical, conquiste o Bundestag alemão, mas também que o FDP volte a emergir, o que poderia levar a uma coalizão posterior desse partido com o SPD. Como avalia o senhor, professor Lukács, esse desenvolvimento da Alemanha?*

G. L. – Bem, é muito difícil para um observador fazer previsões, ainda que remotamente. Eu rejeito tais previsões, mas confesso que, de minha parte, também a base de avaliação é muito restrita. No entanto, posso dizer que não espero quase nada dos partidos existentes. É claro, se o CDU/CSU** continuar a ter maioria, por certo eles vão governar de forma mais reacionária do que se o SPD e o FDP estivessem juntos à frente do governo. Mas não haveria uma mudança real na vida na Alemanha: nem as reformas necessárias nem, como muitos dizem, o perigo de um novo fascismo como alternativa ao futuro desenvolvimento alemão.

Digo isso, evidentemente, com todo o ceticismo, como um homem que julga apenas por leitura de jornais. Mas não penso – e aqui o jornalismo de esquerda, quando usa o termo fascismo para a reação na Alemanha, comete um erro – que a violação aberta do direito se tornará o sistema e o método predominante, já que os partidos de hoje podem, com pouco reforço, mediante as distorções formais existentes e as interpretações formais das leis, governar muito bem.

Por outro lado, não podemos esquecer que o fascismo foi um instrumento para estabelecer a dominação mundial da Alemanha. Agora, os atuais líderes da Alemanha estão plenamente conscientes de que não se pode falar em dominação mundial alemã. É claro que, à sombra dos Estados Unidos e por conversações com a França e a Inglaterra, eles estão tentando ganhar um pouco mais de participação nos assuntos mundiais, mas tal ilusão com a forma pela

* Nationaldemokratische Partei Deutschlands (Partido Nacional-Democrático da Alemanha). Fundado em novembro de 1964, é um partido nacionalista, de matriz neonazista, considerado por muitos o sucessor do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, criado por Hitler. (N. T.)

** CDU/CSU designa a força política formada na Alemanha por dois partidos cristãos conservadores: a União Democrata-Cristã e a União Social-Cristã. (N. T.)

qual Hitler chegou ao poder não existe – em minha opinião – hoje. Portanto, as eleições a esse respeito não produzirão muita mudança qualitativa.

Reif – Seria possível que o liberalismo do FDP e as tendências democráticas dentro do SPD pudessem produzir uma mudança de consciência na compreensão da história da jovem geração alemã?

G. L. – Devo dizer que não vejo nenhum sinal disso. Tanto quanto se pode julgar os líderes do SPD, [Willy] Brandt, [Herbert] Wehner ou [Karl] Schiller, eles não estão a tal ponto predispostos para que se possa esperar deles uma inflexão decisiva. No caso de uma vitória, eles certamente seriam liberais em algumas questões como o CDU/CSU, certamente tentariam fazer pequenos acordos com o Leste, mas sou muito cético quanto a uma mudança efetiva na sociedade na República Federal [da Alemanha]. Já que a social-democracia seguiu o caminho da adaptação, nenhum governo social-democrata, onde quer que tivesse se estabelecido e qualquer que fosse sua constituição, produziu uma mudança real no sistema. Mesmo na antiga Áustria, onde social-democratas genuínos como Otto Bauer estavam à frente do partido, a história toda foi uma capitulação fracassada à burguesia austríaca.

E o que os social-democratas alemães fizeram em 1918 e depois foi uma série de capitulações etc. Como já disse, não vejo em que toda a atitude de Brandt ou Wehner ou Schiller e outros líderes possa trazer um elemento que promova uma mudança radical nas condições alemãs no futuro próximo.

Reif – Creio ser importante notar que a juventude na República Federal [da Alemanha], embora em sua totalidade não tenha desenvolvido nenhuma consciência política concreta, espera mais iniciativa política dos sindicatos do que de um dos partidos predominantes. De acordo com uma recente pesquisa demográfica, a disposição dos jovens para entrar para um sindicato é muito mais pronunciada do que, por exemplo, a disposição do mesmo grupo de se tornar membro do partido.

G. L. – Creio que é porque os partidos, infelizmente incluindo o Partido Comunista, perderam a atração para os jovens devido a seu posicionamento a favor de decisões exclusivamente táticas e à perda de uma grande perspectiva histórica. A única saída seria, se eu pensar na Alemanha, que políticos e teóricos fundassem uma espécie de social-democracia de esquerda, desde que, é claro, atingissem as massas. Pois, embora seja verdade que o estranhamento do homem só pode ser superado no socialismo, os primeiros passos na luta contra

uma democracia manipulada e para realizar uma democracia real, ainda que não seja a socialista, devem ser tomados dentro da sociedade civil-burguesa. Além disso, apenas tal tipo de organização – digo isso com constrangimento – poderia ajudar o USP* a retomar os antigos princípios socialistas e tentar realizá-los. No entanto, as tentativas de fazer tal movimento são extremamente fracas na Alemanha. Em última instância, eles teriam pouca chance de se tornar um poder parlamentar nessas eleições.

Reif – *A iniciativa de uma espécie de revitalização da ideia social-democrata independente não poderia emanar hoje dos sindicatos da República Federal [da Alemanha]?*

G. L. – Isso não estaria excluído. O trabalhador de hoje está essencialmente melhor do que o trabalhador de antigamente, em termos de tempo de trabalho e salários. Mas ele também é um trabalhador explorado e um homem estranhado. Se houvesse um partido que pudesse tornar essa exploração e esse estranhamento um objeto da prática social, isso seria um grande passo adiante.

Reif – *O senhor falou anteriormente de uma democracia burguesa que teria de ser criada na Alemanha primeiro. Poderia especificar nesse contexto o que quer dizer com democracia burguesa?*

G. L. – Veja, Marx analisou muito corretamente os documentos clássicos da revolução burguesa e a constituição da Revolução Francesa. Ele viu na dualidade do *citoyen* idealista e do *homme bourgeois* dominante *de facto* a característica essencial da democracia burguesa. Hoje, o *citoyen* idealista tornou-se um laçao da burguesia. Ele está aí apenas para formular palavras de ordem eleitorais, e se em diferentes partidos alemães isso é feito por certos escritores, tal fato não muda em nada a questão.

Por isso, um movimento que tentasse reforçar os interesses públicos por meio de *lobbies* burgueses e não rompesse a dualidade entre *bourgeois* e *citoyen* não seria ainda socialista; entretanto poderia significar um pouco mais para o desenvolvimento de hoje. No entanto, não me atrevo a prever quais são essas chances na Alemanha.

* Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (em alemão, Unabhangige Sozialdemokratische Partei Deutschlands), partido político que atuou durante o Segundo Reich e a República de Weimar. Fundado a partir das greves dos trabalhadores na década de 1910, o partido, de bases revolucionárias, atuou ativamente na tentativa comunista de 1918 na Alemanha. (N. T.)

Para não fazer nenhum segredo de minhas concepções pessoais, esclareço: por democracia socialista eu entendo uma democracia da vida cotidiana, do modo como essa democracia surgiu nos conselhos operários de 1871, 1905 e 1917, como existiu nos países socialistas e que deve ser novamente neles despertada. E agora volto aos *slogans* da juventude: os conselhos dos trabalhadores só emergem quando grandes massas do proletariado se movem espontaneamente. Ninguém “fez” os conselhos operários de 1905 e 1917 – nem Lênin, nem Che Guevara, nem mesmo Trótski. Nenhum deles “fundou” conselhos de trabalhadores. Eles simplesmente aprimoraram os movimentos dos conselhos de trabalhadores. Nos movimentos de hoje não se encontra nada disso. Isso certamente não significa que não se deva propagar tanto a renovação da democracia burguesa como os primeiros passos para o desenvolvimento da democracia socialista. Devo confessar que não vejo neste momento nenhuma base espontânea de massa para um ou outro movimento. Por isso meu ceticismo. Acho que, depois das eleições, as coisas vão permanecer as mesmas.

Reif – Existe hoje outra força na República Federal [da Alemanha] – bem como em outros países – que eu preferiria não chamar de terceira força, mas que considero um fator de desenvolvimento: refiro-me aos intelectuais, especialmente os escritores. No que diz respeito à República Federal [da Alemanha], o senhor considera que a opinião de autores como Günter Grass, Heinrich Böll ou Siegfried Lenz pode realmente desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento político da Alemanha, sobretudo na formação da consciência política dos alemães?

G. L. – Em termos gerais, podemos responder à questão afirmando que os intelectuais desempenham hoje um papel maior nas mudanças que estão por vir do que no passado. Permita-me ilustrar isso com um exemplo simples. No século XIX, quando os sindicatos conseguiram reduzir a jornada de trabalho de nove para oito horas, isso não era apenas uma questão econômica, mas, naquele momento, significava uma redução do estranhamento. Se hoje for assegurado um fim de semana maior, ou seja, em vez de uma jornada de cinco dias e meio, apenas cinco dias úteis, nada acontecerá contra o estranhamento. Pois o problema agora não é ganhar mais tempo livre, como era o caso no século XIX, mas como gastar esse tempo livre.

O que acontece durante o tempo livre? Com essa questão, a importância da ideologia e, portanto, a importância dos líderes ideológicos, dos estudiosos,

dos escritores e dos artistas aumentaram objetivamente. Porém, receio que a literatura de hoje tenha se movido muito para um nível puramente prático; o que havia de grandioso na literatura anterior – basta pensar na literatura do Iluminismo, de Voltaire a Diderot e Rousseau – falta em nossa literatura. Há exceções, é claro: eu poderia mencionar partes específicas dos dramas de [Rolf] Hochhuth, *Die Berliner Antigone** [Antígona de Berlim], mas também *Bilhar às nove e meia*** de [Heinrich Theodor] Böll, e de [Friedrich] Dürrenmatt em *A visita da velha senhora****. No entanto, trata-se de casos excepcionais na produção específica desses escritores, pois não se pode dizer que a produção de Dürrenmatt tenha atingido novamente o nível de *A visita da velha senhora*. Como esse não é o caso, mantenho o que escrevi em um livro memorial a Heinrich Böll, a saber, que, segundo Ibsen, o homem totalmente ultrapassado do século XIX encontrou uma verdade muito profunda ao fazer a distinção entre o homem e o troll: “Homem: seja você mesmo, e troll: baste a você mesmo”****. É apenas individualismo, como ele enfrenta a manipulação e como ele pode eventualmente praguejar contra a manipulação, amaldiçoando, ralhando e vivenciando complexos freudianos.

E digo, para falarmos aqui de forma política e social: hoje, a literatura e a ciência renunciaram largamente ao próprio poder, deixando-se integrar no sistema ao permanecer no nível da particularidade, embora possam vir a produzir protestos muito agudos no nível da particularidade que, em minha opinião, não sejam de modo algum inessenciais enquanto detalhes sociais. Por enquanto, nossa literatura não foi capaz de enxergar a missão que lhe é predestinada desde Homero e os trágicos gregos; se alguém acredita que tal missão possa ser encontrada hoje especificamente na literatura moderna, está enganado. A literatura, portanto, segue suas próprias grandes possibilidades, que obviamente não são possibilidades imediatas. Não creio que os leitores

* Stuttgart, Philipp Reclam Jun., 1992. (N. E.)

** Trad. Vasco Grácio, Lisboa, Ulisseia, 2011. (N. E.)

*** Trad. Mario da Silva, Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1976. (N. E.)

**** Lukács faz referência à peça de Henrik Ibsen, *Peer Gynt* (trad. Ana Maria Machado, 2. ed., São Paulo, Scipione, 1997). Após seduzir a filha de um rico fazendeiro, Peer é banido de sua vila natal e sai pelo mundo. Certo dia, depois de uma bebedeira, ele bate a cabeça e desmaia e, em seus sonhos, conhece o senhor dos trolls. Este lhe pergunta: “Qual é a diferença entre um homem e um troll?”, e ele mesmo responde: “Lá, onde brilha céu, os seres humanos dizem: ‘Para ti mesmo é a verdade’. Aqui, os trolls dizem: ‘Sê fiel a ti mesmo’”. A partir de então, Peer adota a frase como lema, proclamando que é sempre ele mesmo. (N. E.)

de Diderot tenham necessariamente invadido a Bastilha, mas acredito que, sem Rousseau e Diderot, a ideologia que levou à queda da Bastilha não teria existido. Hoje, não apenas a literatura perde essas grandes possibilidades, mas o mesmo acontece em grande parte com a ciência e com a chamada filosofia. Veja, a dialética negativa de Adorno não é fundamentalmente nada de mais: como homem inteligente, ele percebe que o capitalismo hoje é um sistema desumano e vil. Mas como existe apenas uma dialética negativa e não uma positiva, como no caso do Marx desatualizado, posso desse modo viver perfeitamente no sistema. O sistema está pronto para me instalar, está pronto para me dar as maiores honras nesse relacionamento. Então, torno-me um homem honrado com minha dialética negativa. E isso, naturalmente, existe de maneira extraordinária nessa literatura e arte modernas. Nunca as pinturas *happening* tiveram o impacto social que tiveram os desenhos de Daumier.

Reif – *Ao mesmo tempo, isso significaria que o compromisso político dos escritores na República Federal [da Alemanha], toda a sua atividade de esquerda na esfera pública seriam inúteis.*

G. L. – Sim, mas não subestimo isso. Não devemos esquecer que as pessoas que tiveram um grande impacto ideológico, tais como [Gotthold Ephraim] Lessing ou Heinrich Heine, se recusaram a pertencer a qualquer partido político. O poema *Deutschland*, de Heine, é um acerto de contas com a velha Alemanha muito mais radical do que poderia ser um mero acerto de contas político, embora não tenha relação direta com nenhum dos partidos da Alemanha. É por isso que acredito que a grande poesia é tão importante no mundo de hoje para a preparação ideológica da transformação dessa sociedade: quanto mais profunda, mais importante o papel que ela pode desempenhar. É importante dar uma perspectiva real aos homens. É claro que isso não é novo. Já está em *Ifigênia*^{*}, e já está de algum modo na *Ilíada*^{**}, quando Príamo pede a Aquiles a devolução do cadáver de Heitor, contrariando as tradições de seu tempo, e Aquiles o atende.

A luta atual contra o estranhamento é, em última instância, a luta pela preservação do humano e pelo desenvolvimento mais elevado da humanidade sob condições economicamente mais favoráveis, contra as condições sociais

* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1999. (N. E.)

** Trad. Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016. (N. E.)

extremamente desfavoráveis. Aqui está o ponto em que a literatura pode fazer mais do que tem feito até agora. Acho que é muito interessante, talvez, para citar um exemplo russo, ler os romances de [Alexander] Soljenítsin – há neles uma crítica à desumanidade do regime de Stálin, uma crítica que é mais profunda e age mais profundamente do que quaisquer panfletos e explicações por meio dos quais se acusa Stálin de ter sido um tolo e um criminoso. Soljenítsin mostra o que acontece com aqueles que estão internados, e o que acontece com aqueles que os internaram, por meio desses contrastes humanos. São poucos os que conseguem isso na literatura alemã, embora não haja dúvida de que Soljenítsin realizou essa façanha sob condições muito mais difíceis do que qualquer escritor alemão jamais teria de enfrentar hoje. Acho que o exemplo de Soljenítsin ilustra, além dos exemplos alemães, o que quero dizer aqui.